

Índio vê na falta de terra o grande problema da tribo

O grande problema das nações indígenas é a terra. Esta foi a avaliação feita, ontem, pelo índio Cosme de Oliveira, da tribo dos Pankararus, no dia consagrado nacionalmente à raça. Apesar de ter sido o primeiro morador do Brasil, o índio, segundo ele, está ameaçado de extinção, já que a terra está diretamente ligada à sua cultura. "Sem terra não existe povo indígena", declarou.

De acordo com dados estatísticos do Cimi - Conselho Indigenista Missionário, entidade diretamente ligada à Igreja Católica, existem no Nordeste 23 nações indígenas, que somam cerca de 35 mil índios. Desse número, 16 mil estão localizados em Pernambuco. O coordenador regional do Cimi, Saulo Ferreira Feitosa, disse que nenhuma tribo, hoje, tem a situação da terra regularizada. Algumas conseguiram a demarcação, mas continuam sendo invadidas por posseiros. Como exemplo ele cita a tribo Fulniô, em Águas Belas, demarcada em 1986, onde os brancos ocupam parte dos 11 mil hectares. "Além dos conflitos com os posseiros, os índios estão tendo ainda problemas com a prefeitura da cidade em relação ao limite da terra", falou.

Assim como os Fulniô, outras tribos indígenas de Pernambuco enfrentam conflitos com os posseiros. A violência tem chegado às sete tribos do Estado, e a causa apontada pelo Cimi, é o problema da posse de terra. Saulo Ferreira enumerou como forma mais freqüente de violência, o espancamento, ameaças de morte, expulsão das terras e, ainda, a proibição das tradições culturais. "Em 89, o delegado de Pesca proibiu os índios da tribo Xukuru de dançarem o toré, e ainda prendeu o cacique". Isso, revelou, a pedido dos fazendeiros locais.

Perto da região do médio São Francisco, localizada entre Petrolândia e Tacaratu, os quase cinco mil índios, da tribo Pankararu, são os únicos no Nordeste a conseguirem a homologação da terra. Em 1987, o presidente Sarney, assinou decreto, publicando no Diário Oficial que 8.100 hecta-

res naquela região, seriam definidos, a partir daquela data, como terra indígena. Mas o decreto que deu a terra, não tirou de lá os posseiros, que permanecem até hoje.

Cosme de Oliveira, índio pankararus denuncia que a homologação da terra fez uma vítima: um índio da tribo foi assassinado no mesmo ano, e, segundo ele, por posseiros da região irritados com a medida. Apesar da homologação ter diminuído a terra dos pankararus - eles reclamavam 14.240 hectares -, os índios querem que o decreto seja cumprido.

Como explicou Cosme, a terra tem um significado religioso e cultural muito grande para o índio. "Lá se encontram as caças e frutas usadas nos rituais e, hoje, parte desses rituais não é mais realizada, porque não podemos

entrar nas áreas onde ficam os posseiros". Ele afirmou que a solução para o problema do índio brasileiro está unicamente nas mãos das autoridades competentes. "Se a lei fosse cumprida não haveria conflitos", e acrescenta, "esperamos que o Governo cumpra a lei e devolva a terra para seus legítimos donos".

O Cimi está promovendo nos dias 23 a 27 de abril, a semana dos povos indígenas, com apresentação de vídeos, exposições de fotografias, venda de artesanatos e debates sobre a luta do índio no Brasil e na América Latina. O Cimi está no Nordeste há 12 anos, é vinculado à Igreja Católica, e como definiu Saulo Ferreira, "vem defendendo a vida através do serviço missionário, trabalhando ativamente, no Movimento Indígena Nacional".